

Mudam-se os tempos, mudam-se as barragens

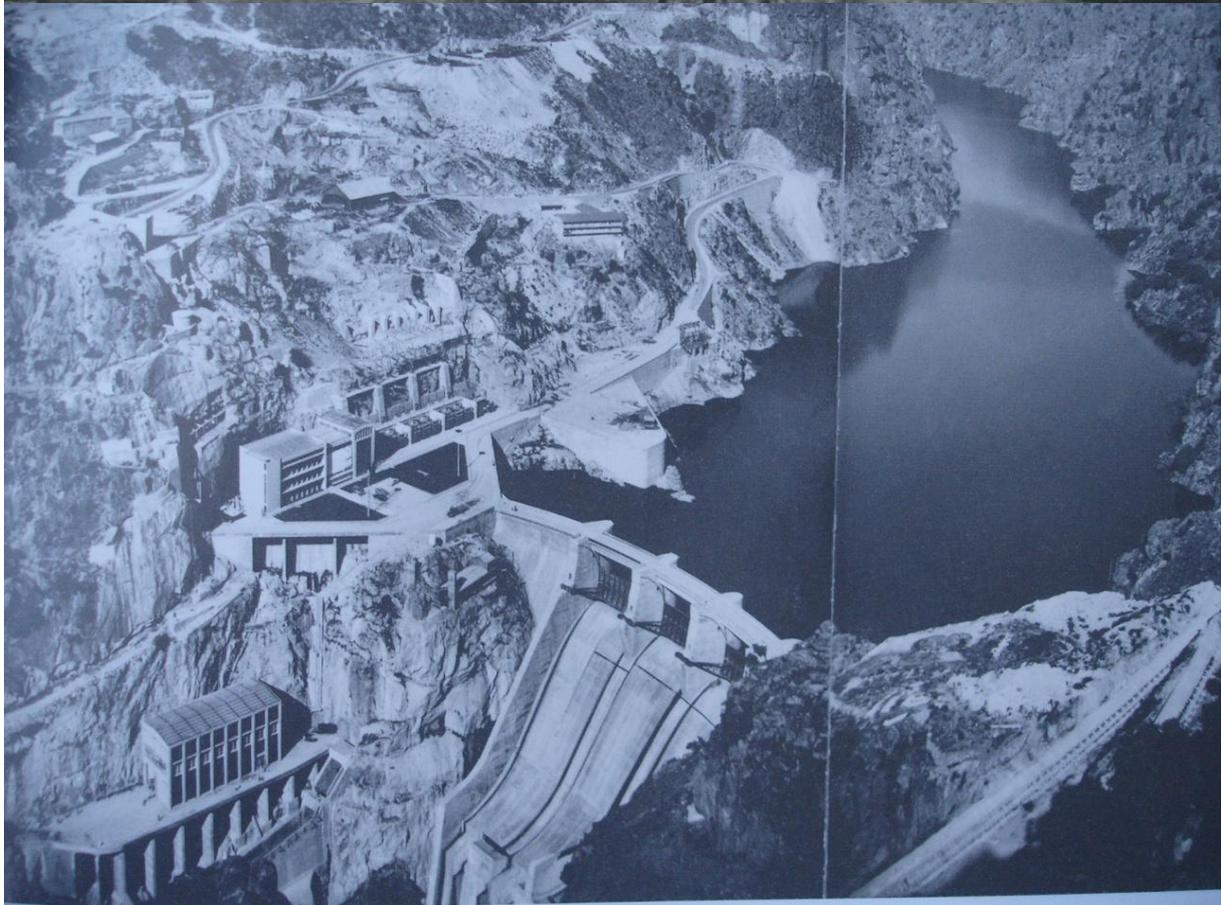
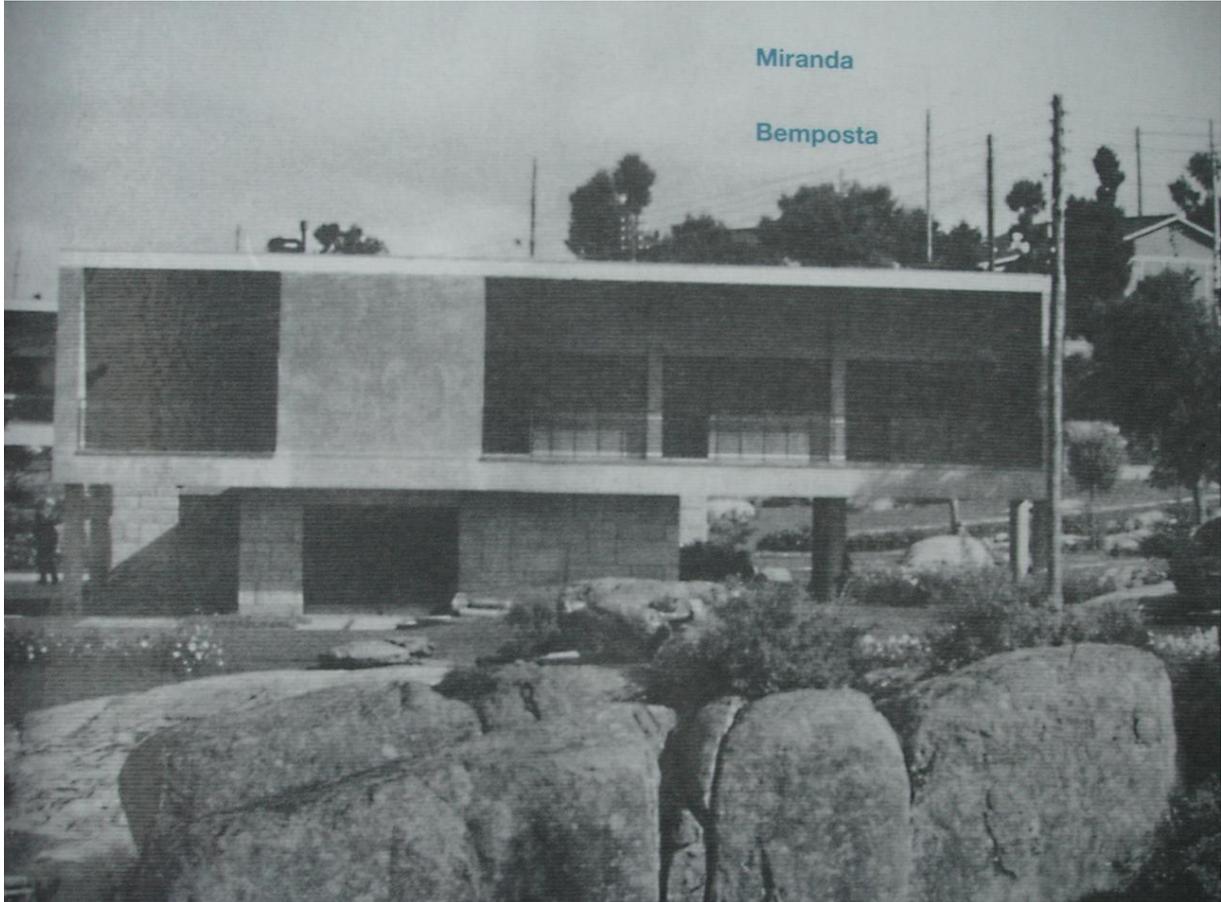
(fotografias sem autorização, a partir do livro “Moderno escondido – Arquitectura das centrais hidroeléctricas do douro 1953-1964, FAUP edições, Michelle Cannatá e Fátima Fernandes.)

1 - Arquitectos e Engenheiros trabalharam em conjunto entre 1952 e 1964 na construção de 3 magníficos empreendimentos hidroeléctricos realizados no alto douro. São os empreendimentos de Picote, Miranda e Bemposta, realizados com projecto de Arquitectos como João Archer, Nunes de Almeida e Rogério Ramos para a Hidroeléctrica do alto douro. Outros tempos, outras barragens. Tempos de crescimento económico, tempos de crença neste tipo de progresso sem lhe saber ainda os males e contratempos. Tempos de colonização desta espécie de Far - Nordeste altoduriense selvagem, segundo os cânones do modernismo, do grande empreendimento de estado, de opções racionais de projecto. Tempos em que o crescimento hidroeléctrico se fez á parte as culturas indígenas, como hoje, que não participaram nem viram mais rendimento ou alteração do seu paradigma. O seu território foi primeiro colonizado e posteriormente abandonado após o fim da obra, para (quase) nunca mais ninguém lhes ligar, tal qual no far-west as minas de ouro se abandonam sem piedade e repentinamente quando deixam de “dar”. As populações continuaram a emigrar após estas barragens.

2 – Mas há diferenças consideráveis entre Picote, Miranda e Bemposta dos anos 50 e Fridão, Sabor e Tua dos anos 10. Nos anos 50 ninguém punha a questão hoje lógica para nós de se obter mais energia através do método “poupar energia”, em vez de apenas se produzir mais e mais, coisa óbvia nos anos 10. Nos anos 50 ninguém fazia barragens por cima de linhas de caminho de ferro como no Tua. Cada macaco no seu galho. Comboio é comboio, barragem é barragem. O comboio ainda era tido e achado para o desenvolvimento do país. Ainda se faziam e melhoravam linhas de caminho de ferro. Era normal! A partir dos anos Cavaco silva (várias maiorias absolutas) abre a caça ao caminho de ferro, afinal inimigo do “verdadeiro desenvolvimento” : a auto-estrada! Em Fridão, toda a cidade de Amarante está em leito de cheia, em enorme perigo face à barragem, portanto (vê o exemplo da Vilarinho das Furnas, afundada e abandonada sem apelo nem agravo face á fatalidade anunciada pelo poder de estado autoritário e implacável). No Sabor, destruição selvagem de um rio selvagem.

3 - Nos anos 50 a qualidade do desenho de Arquitecto de todas as infra-estruturas - afinal efémeras - era brutal se comparada com as infra-estruturas que se delineiam nas nossas actuais paisagens: Igreja, escola, hotel, casas operárias, casas dos engenheiros, casas técnicas, das máquinas, “catedral”etc...novas Brasília no nosso Nordeste selvagem, tudo esmeradamente desenhado a preceito moderno. Melhor ainda: modernista sim, mas com preocupações organicistas e paisagísticas. Deixar os penedos, contornar o Xisto, não remover os enormes calhaus que compõe e ajudam a compor as novas caixas, volumes, peças soltas que passam a pontuar a paisagem assim desvirginada do douro. Á parte as alterações ambientais irreversíveis e do subdesenvolvimento continuado da região, ...uma quase-lição do Estado Novo directamente para os dias de hoje, há que reconhecer.

Outros tempos, outras barragens.

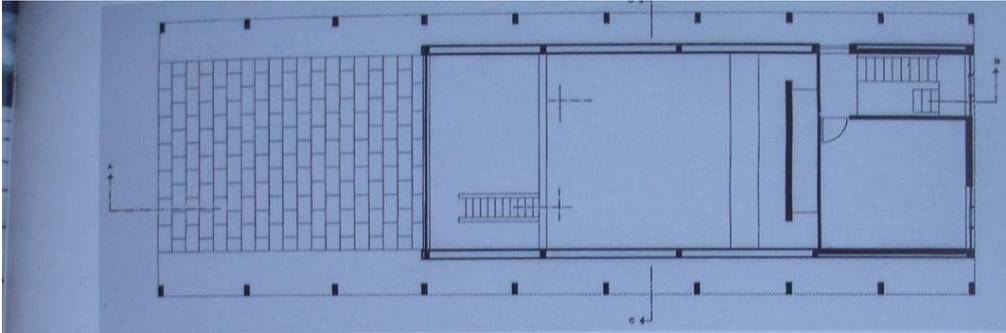




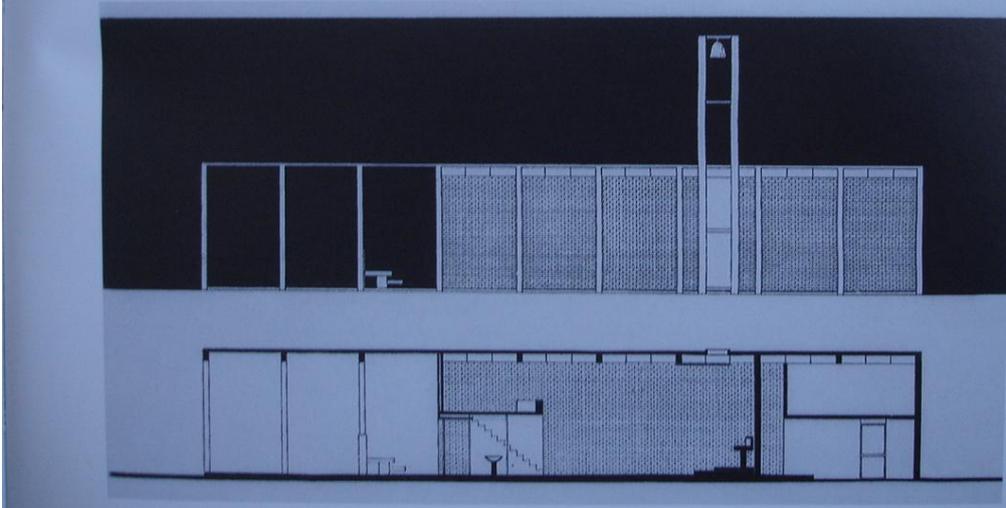








Capela
Planta do 2º Piso
1956



Capela
Alçado Nascente e Corte
1956

